

Sobre Livros e Autores

Libros de América

UNA CARTA DE JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

Mi querido Gastón Figueira:

Stento hoy ganas de escribirle y agradecerle más de modo más evidente, lo bueno que es usted siempre conmigo y con lo mío. Cuando Losada dé los libros nuevos que le he enviado y le seguiré enviando, tendré el gusto de mandárselos, como ya hice con mis *Españoles*. Losada tiene la estación total y le enviaré para el verano *Verso desnudo*; y si todo va bien, a fin de año *Crítica* (todos mis aforismos). Estos son dos libros de unas 400 páginas, de la serie de mis libros por formas (anunciados en *Canción*). Los manuscritos me van llegando poco a poco de España y, con un trabajo tremendo, voy rehaciendo libros que dejé casi acabados en Madrid, 1936.

Estos días pasados recibí hermosos libros de Esther de Cáceres, Clara Silva, Paulina Medeiros y Juvenal Ortiz Saralegui, a quien les iré escribiendo. Yo suelo dedicar las mañanas del domingo a escribir cartas (que son muchas que contestar) y quisiera contestarlas todas, pero qué difícil! porque no me gusta escribir cartas ligeras, ni, sobre todo, sin leer primero los libros, revistas o manuscritos que con ellas recibo.

Desde abril o mayo seguiré en la «Revista de América» mi *Alerta*, cuyo prólogo salió en agosto pasado. Por motivos diversos, enfermedad entre otros, no he podido seguir hasta ahora ese trabajo. Pero ya estoy metido en él y de veras. Ya tiene Arciniegas cuatro lecturas y le mandaré este año hasta diez. Para esas lecturas me serán bien venidos los libros que no poseo ahora, de los poetas hispanoamericanos. Por aquí leo cosas de usted en diversas revistas norteamericanas y españolas. Es usted un vigia incansable y hace una gran labor para los dos grandes países americanos.

Aquí y allá he leído alusiones a una crítica de Guillermo de Torre sobre el libro que usted tuvo la bondad de dedicarme. Me gustaría tener esa crítica. Y no vendrá usted por aquí, ya que conoce a tanta gente?

Recuerdos a los amigos que me quieren; y le quiere su amigo

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

Summus Editorial, em coedição da Universidade de São Paulo. 160 páginas Cr\$ 75,00. «No Prefácio, o Prof. Mário G. Ferri diz que «é tempo de tratarmos de desenvolver, o quanto antes, essa especialidade entre nós. É uma das maneiras de desenvolvê-la, traduzir bons livros sobre o assunto. Considero o presente livro muito bom. Talvez se possa, ou mesmo se deva, discordar do autor em vários pontos, mas isso em nada diminui o seu trabalho que, estou certo, será de muita utilidade a quantos, no Brasil, venham a se interessar por Educação Ambiental.»

A DRÍADE E OS DARDOS, poesias de Maura de Senna Pereira. «Parece que o circuito da poesia só se completa na sensibilidade do leitor; quando esse leitor é um poeta de alta categoria, como você, a sintonia como que se sublima.» (Helena Kolody). Capa e traço (Anita) de Ely Braga, Ilustrações de Quirino Campofiorito. Vinhetas de Hugo Mund Jr. Prefácio de Caetano Bandeira de Mello. Livraria São José (Rua do Carmo 61 Rio de Janeiro).

UM MUNDO DE CÃES—Teresinha Pereira escreveu e datilografou. Imprimiu: Livraria Editora Universal, Rio de Janeiro (?). Printed in Brazil, 1978. Títulos dos escritos: *Enarcisada, Carta a um negro estrangeiro, Hetaira, G. Amava em silêncio como planta fértil, Homem eão entre cões*. Segundo está na capa externa, atrás, Teresinha (sic) nasceu em Belo Horizonte, doutorou-se em New México, e a (U.S.A.) e lecionou literatura e teatro na Universidade do Colorado (Boulder) —...estou apaixonada por mim mesma. Sou uma mulher jovem, formosa, tenho ânsias e desejos, vivo intensamente. Gozo-me. Passei toda minha vida (sic) casada, amantizada, lesbianizada, comunizada. ... «Vivemos esses dez dias entre oito pessoas, quatro homens e quatro mulheres e nos revezávamos em pares de todos os tipos com fêmeas e machos. No final de dez dias estava entregue, cansada, zangada com todos... tranquei-me em casa e prometi a mim mesma nunca mais sair». —Como se vê, bem «moderninha».

ANOTAÇÕES À LEGISLAÇÃO DO DIVÓRCIO, de Walter Ceneviva. São Paulo, 115 páginas. «Constitui um subsídio impar para a discussão da exposição

—Vou mesmo! E vai ser hoje...

Vinha, de certo tempo já, emburrado, silencioso, nervoso com os filhos e a mulher, impertinente, grosseiro, falando sozinho, ruminando planos.

—Que tanto que o Pai vive matinando, mãe?

Fazia pouco que o Patrão chegara da cidade. Parece que fora ao Banco. O colono se postou pela vizinhança, como amarrando a caça, na espreita do momento do bote.

—*Per la Madonna!* — pensava nervoso — *in questa volta, niente di paura.*

Chegaria e ia direto no assunto. «*Per Bacco!*»

A certo momento, nhô Lao Egidio tem a intuição de que não está só no pomar. E, na verdade, ao voltar a cabeça para se certificar do que suspeitava, deu com o colono crescendo para ele.

A inesperada presença daquele homem que chegava misterioso, pisando leve sobre a relva, sobressaltou-o.

—Que quer o senhor? Que vem fazer aqui?

O Fazendeiro sentiu que tinha de manter a cabeça fria e calma para superar a grave situação. O colono tinha cara de pou-

cos amigos. Chegara a hora sempre temida da cobrança.

O homem, chapéu rolando de uma para outra mão, hesita no se explicar. A abordagem ao Patrão parece-lhe agora mais difícil do que supusera.

—«*Perdona-me, signore...*» — na sua meia língua se refere à crise, ao empobrecimento de todos...

—Sim, e o que tinha isso com sua invasão a esta parte da fazenda?

O colono, amarrotando o chapéu, referiu-se ao boato de que os fazendeiros estavam arruinados.

—E daí? Por isso já o senhor ousa invadir o meu jardim...

—*È vero, è vero... la crise...*

O Fazendeiro estava certo que chegara a hora do «pague-me e não bufe». Era agora. E para acomodar o italiano numa linha de expectativas e esperanças acenou-lhe com uma quase promessa:

—Não se arreceie... Os seus oito meses de salários e do trato serão pagos... Não se arreceie...

Enquanto falava Nho Lao Egidio percebeu que o valente cobrador mergulhava a mão no picuá...

—Santo Deus! Que pretende esse bruto? — perguntava-se, não conseguindo

atinar que arma portava o italiano no embornal.

Afinal, aparece na manzorra do trabalhador um embrulho, atado num lenço ramado, que estendeu ao Patrão.

Se andava necessitado de dinheiro, «*per Dio*», aceitasse aquele... que era também do «*Patrone*», uma vez o ganhara na abençoada *Serra d'Água*. E oferecia (*Eccolo*) num gesto tolhido, sem qualquer rompante, antes vexado e súplice:

—*Eccolo!*

Eram ao todo trinta contos de réis. Aceitasse. E insistia. Que recebesse. O dinheiro só serve para isso mesmo. E os amigos são para essas horas.

—«*Eccolo*».

Olhos rasos d'água, Nhô Leo Egidio deixou-se cair nos braços do colono. Quando os bancos, as casas comissárias, o comércio, os parentes, amigos de velhas relações fechavam as portas ao convívio do fazendeiro falido, um estrangeiro, rústico, abria o tesouro de suas economias e de sua solidariedade para o gesto da renúncia e da mais real simpatia.

—«*Eccolo!*»!

(Do livro *Os Italianos*, em preparo)

Rio de Janeiro.